

# A SEMANA SANTA

Alexandre Herculano

Der Gedanke Gott weckt einen fürchterlichen Nachhar auf. Sein Name heisst Richte.

## SCHILLER

I

Tíbio o sol entre as nuvens do ocidente,  
Já lá se inclina ao mar. Grave e solene  
Vai a hora da tarde! O oeste passa  
Mudo nos troncos da alameda antiga,  
Que à voz da Primavera os gomos brota:  
O oeste passa mudo, e cruza o átrio  
Pontiagudo do templo, edificado  
Por mãos duras de avós, em monumento  
De uma herança de fé que nos legaram,  
A nós seus netos, homens de alto esforço,  
Que nos rimos da herança, e que insultamos  
A Cruz e o templo e a crença de outras eras;  
Nós, homens fortes, servos de tiranos,  
Que sabemos tão bem rojar seus ferros  
Sem nos queixar, menosprezando a Pátria  
E a liberdade, e o combater por ela.  
Eu não! – eu rujo escravo; eu creio e espero  
No Deus das almas generosas, puras,  
E os déspotas maldigo. Entendimento  
Bronco, lançado em século fundido  
Na servidão de gozo ataviada,  
Creio que Deus é Deus e os homens livres!

II

Oh, sim! – rude amator de antigos sonhos,  
Irei pedir aos túmulos dos velhos  
Religioso entusiasmo; e canto novo  
Hei-de tecer, que os homens do futuro  
Entenderão; um canto escarnecido  
Pelos filhos dest' época mesquinha.  
Em que vim peregrino a ver o mundo,  
E chegar a meu termo, e reclinar-me  
À branda sombra de cipreste amigo.

### III

Passa o vento os do pórtico da igreja  
Esculpidos umbrais: correndo as naves  
Sussurrou, sussurrou entre as colunas  
De gótico lavor: no órgão do coro  
Veio, enfim, murmurar e esvaecer-se.

### IV

Mas porque sou o vento? Está deserto,  
Silencioso ainda o sacro templo:  
Nenhuma voz humana ainda recorda  
Os hinos do Senhor. A natureza  
Foi a primeira em celebrar seu nome  
Neste dia de luto e de saudade!  
Trevas da quarta-feira, eu vos saúdo!  
Negras paredes, mudos monumentos  
De todas essas orações de mágoa,  
De gratidão, de susto ou de esperança.  
Depositadas ante vós nos dias  
De fervorosa crença, a vós que enluta  
A solidão e o dó, venho eu saudar-vos.  
A loucura da Cruz não morreu toda  
Após dezoito séculos! Quem chore  
Do sofrimento o Herói existe ainda.  
Eu chorarei – que as lágrimas são dó homem –  
Pelo Amigo do povo, assassinado  
Por tiranos, e hipócritas, e turbas  
Envilecidas, bárbaras, e servas.

### V

Tu, Anjo do Senhor, que acendes o estro;  
Que no espaço entre o abismo e os céus vagueias,  
Donde mergulhas no oceano a vista;  
Tu que do trovador à mente arrojias  
Quanto há nos céus esperançoso e belo,  
Quanto há no abismo tenebroso e triste,  
Quanto há nos mares majestoso e vago,  
Hoje te invoco! – oh, vem! –, lança em minha alma  
A harmonia celeste e o fogo e o génio,  
Que dêem vida e vigor a um carne pio.

### VI

A noite escura desce: o Sol de todo  
Nos mares se atufou. A luz dos mortos,  
Dos brandões o clarão, fulgura ao longe  
No cruzeiro somente e em volta da ara:  
E pelas naves começou ruído

De compassado andar. Fiéis acodem  
À morada de Deus, a ouvir queixumes  
Do vate de Sião. Em breve os monges,  
Suspirosas canções aos Céus erguendo,  
Sua voz unirão à voz desse órgão,  
E os sons e os ecos reboarão no templo.  
Mudo o coro depois, neste recinto  
Dentro em bem pouco reinará silêncio,  
O silêncio dos túmulos, e as trevas  
Cobrirão por esta área a luz escassa  
Despedida das lâmpadas. que pendem  
Ante os altares, bruxuleando frouxas.  
Imagem da existência! Enquanto passam  
Os dias infantis, as paixões tuas,  
Homem, qual então és, são débeis todas.  
Cresceste: ei-las torrente, em cujo dorso  
Sobrenadam a dor e o pranto e o longo  
Gemido do remorso, a qual lançar-se  
Vai com rouco estridor no antro da morte,  
Lá, onde é tudo horror, silêncio, noite.  
Da vida tua instantes fluorescentes  
Foram dois, e não mais: as cãs e rugas,  
Logo, rebate de teu fim te deram.  
Tu foste apenas som, que, o ar ferindo,  
Murmurou, esqueceu, passou no espaço.  
E a casa do Senhor ergueu-se. O ferro  
Cortou a penedia; e o canto enorme  
Polido alveja ali no espesso pano  
Do muro colossal, que era após era,  
Como onda e onda ao desdobrar na areia,  
Viu vir chegando e adormecer-lhe ao lado.  
O ulmo e o choupo no cair rangeram  
Sob o machado: a trave afeiçoou-se;  
Lá no cimo pousou: restruge ao longe  
De martelos fragor, e eis ergue o templo,  
Por entre as nuvens, bronzeadas grimpas.  
Homem, do que és capaz! Tu, cujo alento  
Se esvai, como da cerva a leve pista  
No pó se apaga ao respirar da tarde,  
Do seio dessa terra em que és estranho,  
Sair fazes as moles seculares,  
Que por ti, mono, falem; dás na ideia  
Eterna duração às obras tuas.  
Tua alma é imortal, e a prova a deste!

## VII

Anoiteceu. Nos claustros ressoando  
As pisadas dos monges ouço: eis entram;  
Eis se curvaram paru o chão, beijando  
O pavimento, a pedra. Oh, sim, beijai-a!  
Iguais vos cobrirá a cinza um dia,  
Talvez em breve – e a mim. Consolo ao morto  
É a pedra do túmulo. Sê-lo-ia  
Mais, se do justo só a herança fora;  
Mas também ao malvado é dada a campa.  
E o criminoso dormirá quieto  
Entre os bons soterrado? Oh, não! Enquanto

No templo ondeiam silenciosas turbas,  
Exultarão do abismo os moradores,  
Vendo o hipócrita vil, mais ímpio que eles,  
Que escarnece do Eterno, e a si se engana;  
Vendo o que julga que orações apagam  
Vícios é crimes. e o motejo e o riso  
Dado em resposta às lágrimas do pobre;  
Vendo os que nunca ao infeliz disseram  
De consolo palavra ou de esperança.  
Sim: malvados também hão-de pisar-lhes  
Os frios restos que separa a terra,  
Um punhado de terra, a qual os ossos  
Destes há-de cobrir em tempo breve,  
Como cobriu os seus; qual vai sumindo  
No segredo da campa a humana raça.

## VIII

Eis que a turba rareia. Ermam bem poucos  
Do templo na amplidão: só lá no escuro  
De afumada capela o justo as preces  
Ergue pio ao Senhor, as preces puras  
De um coração que espera, e não mentidas  
De lábios de impostor, que engana os homens  
Com seu meneio hipócrita, calando  
Na alma lodosa da blasfêmia o grito.  
Então exultarão os bons, e o ímpio,  
Que passou, tremerá. Enfim, de vivos,  
Da voz, do respirar o som confuso  
Vem confundir-se no ferver das praças,  
E pela galilé só ruge o vento.  
Em trevas não, ficou silenciosas  
O sagrado recinto: os candeeiros,  
No gelado ambiente ardendo a custo,  
Espalham débeis raios, que reflectem  
Das pedras pela alvura; o negro mocho,  
Companheiro do morto, hórrido pio  
Solta lã da cornija: pelas fendas  
Dos sepulcros desliza fumo espesso;  
Ondeia pela nave, e esvai-se. Longo  
Suspirar não se ouviu? Olhai!, lá se erguem,  
Sacudindo o sudário, em peso os morros!  
Mortos, quem vos chamou? O som da tuba  
Ainda do Josafat não fere os vales.  
Dormi, dormi: deixai passar as eras...

## IX

Mas foi uma visão: foi como cena  
D' imaginar febril. Criou-se, acaso  
Do poeta na mente, ou desvendou-lhe  
A mão de Deus o íntimo ver da alma,  
Que devassa a existência misteriosa  
Do mundo dos espíritos? Quem sabe?

Dos vivos já deserta, a igreja torva  
Repovoou-se, para mim ao menos,  
Dos extintos, que ao pé das santas aras  
Leito comum na sonolência extrema  
Buscaram. O terror, que arreda o homem  
Do limiar do tempo às horas mortas,  
Não vem de crença vã. Se fulgem astros,  
Se a luz da Lua estira a sombra eterna  
Da cruz gigante (que campeia erguida  
No vértice do tímpano, ou no cimo  
Do coruchéu do campanário) ao longo  
Dos inclinados tectos, afastai-vos!  
Afastai-vos daqui, onde se passam  
A meia-noite insólitos mistérios;  
Daqui, onde desperta a voz do arcanjo  
Os dormentes da morte; onde reúne  
O que foi forte e o que foi fraco, o pobre  
E o opulento, o orgulhoso e o humilde,  
O bom e o mau, o ignorante e o sábio,  
Quantos, enfim, depositar vieram  
!unto do altar o que era seu no mundo,  
Um corpo nu, e corrompido e inerte.

X

E seguia a visão. Cria ainda achar-me,  
Alta noite, na igreja solitária  
Entre os mortos, que, erectos sobre as campas,  
Eram á pouco um fumo que ondeava  
Pelas fisgas do vasto pavimento.  
Olhei. Do erguido tecto o pano espesso  
Rareava; rareava-me ante os olhos,  
Como ténue cendal; mais ténue ainda,  
Como o vapor de Outono em quarto d'alva,  
Que se libra no espaço antes que desça  
A consolar as plantas conglobado  
Em matutino orvalho. O firmamento  
Era profundo e amplo. Envolto em glória,  
Sobre vagas de nuvens, rodeado  
Das legiões do Céu, o Ancião dos dias,  
O Santo, o Deus descia. Ao sumo aceno  
Parava o tempo, a imensidade, a vida  
Dos mundos a escutar. Era esta a hora  
Do julgamento desses que se alçavam,  
À voz de cima, sobre as sepulturas?

XI

Era ainda a visão. Do templo em meio  
Do anjo da morte a espada flamejante  
Crepitando bateu. Bem como insectos,  
Que à flor de pego pantanoso e triste  
Se balouçavam – quando a tempestade  
Veio as asas molhar nas águas turvas,  
Que marulhando sussurraram – surgem

Volteando, zumbindo em dança doida,  
E, lassos, vão pousar em longas filas  
Nas margens do paul, de um lado e de outro;  
Tal o murmúrio e a agitação incerta  
Ciciava das sombras remoinhando  
Ante o sopro de Deus. As melodias  
Dos coros celestiais, longínquas, frouxas,  
Com frémito infernal se misturavam  
Em caos de dor e júbilo.  
Dos mortos  
Parava, enfim, o vórtice enredado;  
E os grupos vagos em distintas turmas  
Se enfileiravam de uma parle e de outra.  
Depois, o gládio do anjo entre os dois bandos  
Ficou, única luz, que se estirava  
Desde o cruzeiro ao pórtico, e feria  
De reflexo vermelho os largos panos  
Das paredes de mármore, bem como  
Mar de sangue, onde inertes flutuassem  
De humanos vultos indecisas formas.

## XII

E seguia a visão. Do templo à esquerda,  
Mestas as faces, inclinada a frente,  
Da noite as larvas tinham sobre o solo  
Fito o espantado olhar, e as dilatadas  
Baças pupilas lhes tingia o susto.  
Mas, como zona lúcida de estrelas,  
Nessa atmosfera crassa e afogueada  
Pela espada rubente, refulgiam  
Da direita os espíritos, banhado  
De inenarrável placidez seu gesto.  
Era inteiro o silêncio, e no silêncio  
Uma voz ressoou: «Eleitos, vinde!  
Ide, precitos!» Vacilava a Terra,  
E ajoelhando eu me curvei tremendo.

## XIII

Quando me ergui e olhei, no céu profundo  
Um rastilho de luz pura e serena  
Se ia embebendo nesses mares de orbes  
Infinitos, perdidos no infinito,  
A que chamamos o universo. Um hino  
De saudade e de amor, quase inaudível,  
Parecia romper desde as alturas  
De tempo a tempo. Vinha como envolto  
Nas lufadas do vento, até perder-se  
Em sossego mortal.  
O curvo tecto  
Do templo, então, se condensou de novo,  
E para a Terra o meu olhar volveu-se.  
Da direita os espíritos radiosos  
Já não estavam lá. Chispando a espaços,  
Qual o ferro na incude, a espada do anjo  
O morticho rubor mandava. apenas,  
D'aurora boreal quando se extingue.

#### XIV

Prosseguia a visão. Da esquerda às sombras  
Ansiava o seio a dor: tinham no gesto  
Impressa a maldição, que lhes secara  
Eternamente a seiva da esperança.  
Como se vê, em noite estiva e negra,  
Cintilar sobre as águas a ardentia,  
Dumas fronte às outras vagueavam  
Cerúleos lumes no esquadrão dos mortos,  
E ao estalar das lousas, grito imenso  
Subterrâneo, abafado e delirante,  
Inefável compêndio de agonias,  
Misturado se ouviu com rir do Inferno,  
E a visão se desfez. Era ermo o templo:  
E despertei do pesadelo em trevas.

#### XV

Era loucura ou sonho? Entre as tristezas  
E os terrores e angústias, que resume  
Neste dia e lugar a avita crença,  
Irresistível força arrebatou-me  
Da sepultura a devassar segredos,  
Para dizer: »Tremei! Do altar à sombra  
Também há mau dormir de sono extremo!»  
A justiça de Deus visita os mortos,  
Embora a cruz da redenção proteja  
A pedra tumular; embora a hóstia  
Do sacrifício o sacerdote eleve  
Sobre as vizinhas aras. Quando a igreja  
Rodeiam trevas, solidão e medos,  
Que a resguardam coas asas acurvadas  
Da vista do que vive, a mão do Eterno  
Separa o joio ao bom grão e arroja  
Para os abismos a ruim semente.

## XVI

Não! – não foi sonho vão, vago delírio  
De imaginar ardente. Eu fui levado,  
Galgando além do tempo, às tardas horas,  
Em que se passam cenas de mistério,  
Para dizer: «Tremei! Do altar à sombra  
Também há mau dormir de sono extremo!»  
Vejo ainda o que vi: da sepultura  
Ainda o hálito frio me enregela  
O suor do pavor na fronte; o sangue  
Hesita imoto nas inertes veias;  
E embora os lábios murmurar não ousem,  
Ainda, incessante, me repete na alma  
Íntima voz: «Tremei! Do altar à sombra  
Também há mau dormir de sono extremo!»

## XVII

Mas troa a voz do monge, e, enfim, desperto  
O coração bateu. Eia, retumbem  
Pelos ecos do templo os sons dos salmos.  
Que em dia de aflição ignoto vate  
Teceu , banhado em dor. Talvez foi ele  
O primeiro cantor que em várias cordas,  
À sombra das palmeiras da Idumeia,  
Soube entoar melodioso um hino.  
Deus inspirava então os trovadores  
Do seu povo querido, e a Palestina,  
Rica dos meigos dons da natureza.  
Tinha o ceptro, também, do entusiasmo.  
Virgem o génio ainda, o estro puro  
Louvava Deus somente, à luz da aurora,  
E ao esconder-se o Sol entre as montanhas  
De Bethoron . Agora o génio é morto  
Para o Senhor, e os cantos dissolutos  
De lodoso folgado os ares rompem,  
Ou sussurram por paços de tiranos,  
Asselados de pútrida lisonja,  
Por preço vil, como o cantor que os tece.

## XVIII

### **O SALMO**

Quando é grande o meu Deus!... Té onde chega  
O seu poder imenso!  
Ele abaixou os céus. desceu, calcando  
Um nevoeiro denso.  
Dos querubins nas asas radiosas  
Librando-se, voou;  
E sobre turbilhões de rijo vento  
O mundo rodeou.



Ante o olhar do Senhor vacila a Terra,  
E os mares assustados  
Bramem ao longe, e os montes lançam fumo,  
Da sua mão tocados.  
Se pensou no universo, ei-lo patente  
Ante a face do eterno:  
Se o quis, o firmamento os seios abre,  
Abre os seios o Inferno.  
Dos olhos do Senhor, homem, se podes.  
Esconde-te um momento:  
Vê onde encontrarás lugar que fique  
Da sua vista isento:  
Sobe aos Céus, transpõe mares, busca o abismo,  
Lá teu Deus há-de achar;  
Ele te guiará, e a dextra sua  
Lá te há-de sustentar:  
Desce à sombra da noite, e no seu manto  
Envolver-te procura...  
Mas as trevas para ele não são trevas,  
Nem é a noite escura.  
No dia do furor, em vão buscaras  
Fugir ante o Deus forte,  
Quando do arco tremendo, irado, impele  
Seta em que pousa a morte.  
Mas o que o teme dormirá tranquilo  
No dia extremo seu,  
Quando na campa se rasgar da vida  
Das ilusões o véu.

## XIX

Calou-se o monge: sepulcral silêncio  
À sua voz seguiu-se. Uma toada  
De órgão rompeu do coro . Assemelhava  
O suspiro saudoso, e os ais de filha,  
Que chora solitária o pai, que dorme  
Seu último, profundo e eterno sono.  
Melodias depois soltou mais doces.  
O severo instrumento: e ergueu-se o canto,  
O doloroso canto do profeta,  
Da pátria sobre o fado. Ele, que o vira,  
Sentado entre ruínas, contemplando  
Seu avito esplendor, seu mal presente,  
A queda lhe chorou. Lá na alta noite,  
Modulando o Nébel , via-se o vate  
Nos derribados pórticos, abrigo  
Do imundo stélio e gemedora poupa.  
Extasiado – e a lua cintilando  
Na sua calva fronte, onde pesavam  
Anos e anos de dor. Ao venerando  
Nas encovadas faces fundos regos  
Tinham aberto as lágrimas. Ao longe,  
Nas margens do Cédron, a rã grasnando  
Quebrava a paz dos túmulos. Que túmulo  
Era Sião! – o vasto cemitério  
Dos fortes de Israel. Mais venturosos  
Que seus irmãos, morreram pela pátria;  
A pátria os sepultou dentro em seu seio.

Eles, em Babilónia, aos punhos ferros,  
Passam de escravos miseranda vida,  
Que Deus pesou seus crimes, e. ao pesá-los,  
A dextra lhe vergou. Não mais no templo  
A nuvem repousara, e os céus de bronze  
Dos profetas aos rogos se amostravam.  
O vate de Anatoth a voz soltara  
Entre o povo infiel, de Eloha em nome :  
Ameaças, promessas, tudo inútil;  
De bronze os corações não se dobraram.  
Vibrou-se a maldição. Bem como um sonho,  
Jerusalém passou: sua grandeza  
Somente existe em derrocadas pedras.  
O vate de Anatoth, sobre seus restos,  
Com triste canto deplorou a pátria.  
Hino de morte alçou: da noite as larvas  
O som lhe ouviram: 'squálido esqueleto,  
Rangendo os ossos, dentre a hera e musgos  
Do pórtico do templo erguia um pouco,  
Alvejando, a caveira. Era-lhe alívio  
Do sagrado cantor a voz suave  
Desferida ao luar, triste, no meio  
Da vasta solidão que o circundava.  
O profeta gemeu: não era o estro,  
Ou o vívido júbilo que outrora  
Inspirara Moisés : o sentimento  
Foi sim pungente de silêncio e morte,  
Que da pátria lhe fez sobre o cadáver  
A elegia da noite erguer e o pranto  
Derramar da esperança e da saudade.

XX

## **A LAMENTAÇÃO**

Como assim jaz e solitária e queda  
Esta cidade outrora populosa!  
Qual viúva, ficou e tributária  
A senhora das gentes.  
Chorou durante a noite; em pranto as faces,  
Sozinha, entregue á dor, nas penas suas  
Ninguém a consolou: os mais queridos  
Contrários se tornaram.  
Ermas as praças de Sião e as ruas,  
Cobre-as a verde relva: os sacerdotes  
Gemem; as virgens pálidas suspiram  
Envoltas na amargura.  
Dos filhos de Israel nas cavas faces  
Está pintada a macilenta fome;  
Mendigos vão pedir, pedir a estranhos,  
Um pão de infâmia eivado.  
O trémulo ancião, de longe, os olhos  
Volve a Jerusalém, dela fugindo:  
Vê-a, suspira, cai, e em breve expira  
Com seu nome nos lábios.  
Que horror! – ímpias as mães os tenros filhos  
Despedaçaram: bárbaras quais tigres,

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

